

# Nota Preambular

RUI MANUEL LOUREIRO\*

Os portugueses foram os primeiros europeus a navegar pelo Mar do Sul da China, logo nas primeiras décadas do século XVI. A partir de Malaca, cidade portuária da Península Malaia que haviam ocupado em 1511, estabeleceram uma densa rede de contactos com os principais centros produtores e distribuidores de mercadorias de luxo do Sudeste Asiático e da Ásia Oriental. A China, evidentemente, foi um dos destinos privilegiados das navegações portuguesas, já que esta grande potência exportava produtos tão valiosos como as porcelanas e as sedas, para além de uma infinidade de outras mercadorias secundárias. Durante muitas décadas, embarcações portuguesas cruzaram regularmente os mares que se estendiam para leste do estreito de Singapura, em viagens de exploração, em missões diplomáticas, em empreendimentos comerciais. Como fruto deste intenso intercâmbio, em algumas das regiões que circundam o Mar do Sul da China surgiram feitorias portuguesas ou estabelecimentos luso-asiáticos mais ou menos duradouros. O mais célebre desses entrepostos foi certamente Macau, onde os portugueses se instalaram desde meados do século XVI, transformando o pequeno ancoradouro chinês da embocadura do rio da Pérola numa das mais prósperas e mais activas cidades portuárias de toda a Ásia marítima, graças, sobretudo, ao trato que desenvolviam com o Japão.

As notícias chegadas à Europa, sobre as lucrativas actividades a que os portugueses se dedicavam na Ásia mais longínqua, despertaram a cobiça e o engenho de potências europeias rivais de Portugal. Os espanhóis desde cedo tentaram abrir uma rota marítima para as *ilhas das Especiarias* pela via da América, em alternativa à rota do Cabo da Boa Esperança, que era monopolizada

pela Coroa lusitana. Mas só depois de 1565 conseguiriam estabelecer uma ligação regular e segura entre Acapulco e as Filipinas, arquipélago que então ocuparam muito rapidamente. E a partir de Manila desde logo moveram intensa concorrência aos portugueses de Macau, tentando estabelecer relações negociais com a China e com o Japão. Eventualmente, haveriam de estabelecer uma base temporária na Formosa, mas sem nunca conseguirem substituir-se aos portugueses de Macau como intermediários privilegiados nos negócios com a Celeste Império ou com o Império do Sol Nascente. O facto de Portugal ter sido governado pelos monarcas espanhóis entre 1580 e 1640, paradoxalmente, de nada serviu os interesses de Manila, já que a Coroa ibérica unificada defendeu intransigentemente a separação entre os domínios ultramarinos de Portugal e de Espanha.

A União Ibérica, contudo, teve consequências menos positivas para os interesses portugueses na Ásia. Nas décadas finais do século XVI, a Espanha estava em guerra aberta com a Inglaterra e com as províncias mais setentrionais dos Países Baixos, arrastando Portugal para estes conflitos inter-europeus. Ingleses e holandeses, possuidores de importantes recursos navais, lançam-se à conquista da rota do Cabo, procurando intervir no comércio de longa distância com o Oriente e tentando estabelecer bases seguras em muitos pontos do extenso litoral asiático, à semelhança do que haviam feito os portugueses. O *Estado da Índia*, vasta constelação de fortalezas e de feitorias portuguesas desenvolvida ao longo de um século, começou a sofrer os primeiros embates da concorrência europeia nos anos finais de Quinhentos, pois entre 1596 e 1600 diversas armadas inglesas e holandesas demandaram os mares asiáticos. Nos primeiros anos do século XVII, os holandeses concentraram as suas investidas no arquipélago indonésio, estabelecendo a sua base operacional em

---

\* Doutoramento em História pela Universidade de Lisboa, é professor convidado da Universidade de Macau e investigador do Centro Português de Estudos do Sudeste Asiático (Lisboa). Actualmente, é bolseiro da Fundação Oriente.

Batávia. Mas logo alargariam as suas actividades a praticamente todo o litoral asiático, depois de entenderem, tal como o haviam feito os portugueses cem anos antes, que só uma intervenção global nos circuitos mercantis asiáticos poderia ser lucrativa. E, por toda a Ásia marítima, moveram uma oposição tenaz aos bastiões e aos interesses portugueses. Os ingleses decalcariam a mesma estratégia, tentando partilhar com outros concorrentes europeus as posições negociais no terreno asiático que até então tinham sido monopolizadas pelo *Estado da Índia*.

O Mar do Sul da China foi um palco privilegiado das interacções entre potências europeias rivais ao longo de todo o século XVII. Mas a história desses encontros e desencontros entre portugueses, espanhóis, holandeses e ingleses continua a ser muito mal conhecida, sendo frequentemente objecto de visões parciais, que adoptam pontos de vista nacionalistas ou recorrem exclusivamente a fontes numa determinada língua. Razão que explica o desafio lançado pela RCI ao autor destas linhas: organizar dois números temáticos sobre a problemática dos “Encontros e desencontros europeus no Mar do Sul da China”, um deles reunindo estudos de historiadores de origens e de formações diversificadas, o outro juntando variadas fontes seiscentistas, produzidas pelos protagonistas europeus no terreno.

O primeiro dos dois números da RCI, que agora vem a lume, reúne dez contribuições especialmente produzidas por um alargado grupo de historiadores que hoje se dedicam ao estudo da presença europeia no Mar do Sul da China. Houve o cuidado de fazer apelo a alguns dos mais credenciados especialistas

internacionais. O grupo original era mais alargado, mas, como sempre sucede em empreendimentos desta natureza, diversos autores não produziram atempadamente as contribuições solicitadas. O que talvez provoque um ligeiro efeito de desequilíbrio no conjunto. Contudo, deverá ficar bem esclarecido que estes textos não pretendem apresentar uma visão global e exaustiva da história das interacções europeias no Mar do Sul da China no século XVII. De forma alguma. O desafio lançado foi bem outro: cada historiador, a partir da sua própria especialização e da sua própria sensibilidade, deveria produzir um texto que de algum modo se integrasse na temática mais genérica dos *encontros e desencontros*, no interior de um dado espaço cronológico. O resultado não desmerecerá certamente a atenção dos leitores, por várias razões complementares. Em primeiro lugar, os estudos englobados neste número da RCI abarcam um período temporal relativamente limitado, que se estende dos últimos anos do século XVI a finais da centúria imediata. Depois, todos os estudos recorrem, de uma forma ou de outra, a materiais arquivísticos, permitindo entrever a imensa riqueza e a extraordinária diversidade das fontes europeias. Em terceiro lugar, variados são os cenários geográficos explorados, que cobrem praticamente todo o espaço asiático que envolve o Mar do Sul da China, desde a Península Malaia às Filipinas e à Insulíndia, passando pelo Sião, pela China, pela Formosa e pelo Japão. De seguida, notar-se-á que todos os grandes protagonistas europeus são convocados a testemunhar, desde os portugueses, precursores de outras expansões europeias, aos espanhóis, que os seguiram de perto, e aos holandeses, os mais persistentes rivais das potências ibéricas no contexto do Mar do Sul da China seiscentista. Em quinto lugar, enfim, diversificadas são as metodologias e as abordagens a que os diferentes autores recorrem, numa demonstração clara das enormes possibilidades hermenêuticas da temática escolhida.

Os títulos dos estudos que compõem esta colectânea são suficientemente ilustrativos para transmitirem uma ideia básica dos respectivos conteúdos.

- “The *Santa Catarina* incident of 1603: Dutch freebooting, the Portuguese *Estado da Índia* and intra-Asian trade at the dawn of the 17<sup>th</sup> century”, de Peter Borschberg [Universidade de Singapura], discute o mais celebrado incidente do conflito luso--holandês no Mar do Sul da China, bem como as respectivas consequências, que

Macau. Gravura colorida à mão, sem assinatura, c. 1764. Cfr. p. 9.



## ENCONTROS E DESENCONTOS EUROPEUS NO MAR DO SUL DA CHINA I

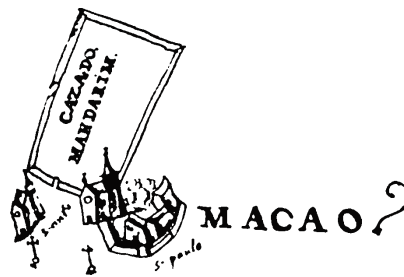
contribuiriam para a reformulação de importantes secções do direito marítimo internacional.

- “Macau, Manila e os holandeses”, de Rui Manuel Loureiro [Universidade Lusófona, Portugal], analisa o impacto global da chegada dos Holandeses nas relações de Macau e de Manila com a China.
- “Os jesuítas e a chegada dos protestantes ao Japão”, de João Paulo Oliveira e Costa [Universidade Nova de Lisboa], procura nas fontes jesuítas, confrontando-as com materiais de outra proveniência, ecos das consequências para os portugueses da chegada dos holandeses e dos ingleses ao arquipélago nipónico.
- “Merchants as diplomats: embassies as an illustration of European-Asian relations”, de Jurren van Goor [Universidade de Utrecht, Holanda], procura esclarecer as práticas diplomáticas adoptadas pelos holandeses nos seus contactos com estados asiáticos, avaliando do seu maior ou menor sucesso.
- “Compromissos e subserviência: Relações de Macau com a China (2.ª metade do século XVII)”, de Anabela Monteiro [CEPESA, Portugal], revisita um período particularmente complicado da vida de Macau, em que a cidade portuária do rio da Pérola teve de fazer face a múltiplas ameaças oriundas não só da China, onde se vivia uma agitada mudança dinástica, mas também das forças que se digladiavam na periferia do grande império.
- “Chineses, holandeses e castelhanos em Taiwan (1624-1684)”, de Manel Ollé i Rodríguez [Universidade Pompeu Fabra, Barcelona], trata das tentativas holandesas e espanholas de estabelecimento de uma base na Formosa, como forma de organizar um relacionamento regular com a China.
- “Pêro Vaz de Siqueira, mercador e armador nos mares do Sul da China”, de Leonor Diaz de Seabra [Universidade de Macau], analisa episódios da carreira asiática de um dos mais destacados membros da classe mercantil de Macau, nomeadamente a embaixada que conduziu ao Sião.
- “Dutch trade and navigation in the South China Sea during the 17<sup>th</sup> century”, de Ernst van Veen

[Universidade de Leiden, Holanda], analisa de forma global a presença holandesa no Mar do Sul da China, sublinhando a extraordinária lentidão com que os holandeses obtiveram acesso livre aos mercados chineses, apesar de todos os recursos humanos e materiais de que podiam dispor.

- “Country trade and Chinese alum: Raw material supply and demand in Asia’s textile production in the 17<sup>th</sup> and 18<sup>th</sup> centuries”, de George Bryan Souza [Universidade do Texas, Austin, E.U.A.], debruça-se sobre a orgânica de funcionamento dos tráficos regionais asiáticos, centrando-se no caso específico do comércio de uma determinada mercadoria.
- “Os Três Mosqueteiros marítimos vistos pelos chineses”, de Jin Guo Ping [investigador independente] e Wu Zhiliang [Fundação Macau, Macau], constitui uma excepção à lógica da colectânea, já que é o único estudo a recorrer a fontes chinesas, para traçar os contornos da visão chinesa de portugueses, holandeses e espanhóis.

A este número da RCI seguir-se-á um outro, que prolongará a exploração dos *encontros e desencontros europeus no Mar do Sul da China*, apresentando uma largada antologia de fontes europeias (portuguesas, espanholas, francesas, holandesas e inglesas) do século XVII, devidamente contextualizadas e cuidadosamente anotadas. Os textos escolhidos serão apresentados em português ou em inglês, devendo destacar-se a circunstância de muitos deles nunca antes terem sido divulgados em língua portuguesa. Essa selecção de fontes será acompanhada por dois estudos inéditos, um deles analisando as sucessivas fases da construção do conhecimento europeu das regiões ribeirinhas do Mar do Sul da China ao longo dos séculos XVI e XVII, o outro abordando, e contextualizando, as tentativas de assaltos holandeses a Macau que se sucederam ao longo das primeiras décadas de Seiscentos. **RC**



# Foreword

RUI MANUEL LOUREIRO\*

The Portuguese were the first Europeans to navigate the South China Sea in the first decades of the 16<sup>th</sup> century. From Malacca, the port-city on the Malaysian Peninsula that they had occupied in 1511, a dense network of contacts with the main centres of production and distribution of luxury items in Southeast and East Asia was established. China was, to be sure, one of the privileged destinations of Portuguese navigations given its position as exporter of such precious products as porcelain and silk as well as a whole range of secondary merchandise. For many decades, Portuguese ships regularly sailed the seas to the east of the Singapore Straits, on voyages of exploration, diplomatic missions, commercial enterprises. As a result of these intense exchanges, some of the regions around the South China Sea saw the

establishment of more or less permanent Portuguese or Luso-Asian settlements. The most famous of these outposts was Macao, where the Portuguese had settled since the middle of the 16<sup>th</sup> century transforming the small Chinese harbour at the mouth of the Pear River into one of the most prosperous and active port-cities of maritime Asia thanks, mainly, to the trade they developed with Japan.

The news that reached Europe, regarding the profitable activities of the Portuguese in far-flung Asia, awoke the envy and ingenuity of rival European powers. The Spanish were keen on opening a maritime route to the Spice Islands via America, as an alternative

---

\* Ph.D. in History, University of Lisbon. Visiting Professor at the University of Macao and researcher at the Centro Português de Estudos do Sudeste Asiático (Lisbon). Currently holds a scholarship from the Fundação Oriente.

John Ogilby, "Makou", 1669. See illustration p. 7.



## ENCONTROS E DESENCONTROS EUROPEUS NO MAR DO SUL DA CHINA I

to the Cape of Good Hope route – a monopoly of the Portuguese crown. However, only after 1565 were they able to establish a regular and safe connection between Acapulco and the Philippines, an archipelago that they were quick to take over. Soon, Manila emerged as a fierce competitor with the Portuguese in Macao, attempting to establish business relations with China and Japan. In time, the Spaniards created a temporary base in Formosa although they were unable to replace the Macao Portuguese as privileged middlemen in the trade with the Heavenly Empire or the Empire of the Rising Sun. Paradoxically, the fact that Portugal was governed by Spanish monarchs from 1580 to 1640, did not serve the interests of Manila because the unified Iberian Crown maintained an unequivocal separation of Portuguese and Spanish overseas possessions.

Nevertheless, the Iberian Union brought fewer positive consequences to the Portuguese interests in Asia. In the final decades of the 16<sup>th</sup> century, Spain was in open war with England and the northern areas of the Netherlands, drawing Portugal into these inter-European conflicts. The British and Dutch, who held important naval resources, set to conquering the Cape route, seeking to interfere with the long haul commerce with the Orient and trying to establish secure outposts on the extensive Asian coast, as the Portuguese had done. The *Estado da Índia*, a vast constellation of Portuguese forts and factories developed in the course of a century, begun to suffer the first pressure from European competitors at the end of the 16<sup>th</sup> century: between 1596 and 1600 several British and Dutch armadas sailed to Asian seas. In the opening years of the 17<sup>th</sup> century, the Dutch focussed their conquests on the Indonesian archipelago, establishing their operational headquarters in Batavia. But soon enough their activities covered most of Asia's coasts following their understanding that only blanket intervention in the Asian trade circuits would be profitable – the same conclusion that the Portuguese had reached one hundred years before. All over maritime Asia, they launched fierce campaigns against Portuguese bastions and interests. The British copied this strategy attempting to share with other European competitors the business positions hitherto monopolised by the *Estado da Índia*.

The South China Sea was the main stage for the interactions between the rival European powers throughout the 17<sup>th</sup> century. But the story of those

encounters and clashes between Portuguese, Spanish, Dutch and English remains unknown for the most part, often being subject to partial views that adopt nationalistic approaches or resort exclusively to sources in only a certain language. This reason explains the challenge launched by RCI: to organize two thematic issues on the question of “*European encounters and clashes in the South China Sea*”; the first being a collection of studies by historians of diverse origins and academic backgrounds; the second a collection of several 16<sup>th</sup> century sources, from the quill of European protagonists on the field.

This first issue of RCI includes ten contributions especially produced by a wide group of historians who currently study the European presence in the South China Sea. Care was taken to invite some of the leading international experts on the subject. However, these texts clearly do not presume to present a global and exhaustive vision of the history of European interactions in the South China Sea in the 17<sup>th</sup> century. The challenge was quite different: each historian, from his own specialized angle, was asked to produce a text that would somehow fit into the general theme of *encounters and clashes*, within a given chronological period. For several complementary reasons the result will draw the attention of the readers. First, the studies in this issue of RCI, with a few exceptions, cover a relatively limited period of time, from the final years of the 16<sup>th</sup> century to the end of the following hundred years. Secondly, all the studies resort, in one way or the other, to archive materials affording a glimpse at the immense richness and extraordinary diversity of European sources. Thirdly, the geographical settings are varied, covering practically all of the Asian space of the South China Sea from the Malaysian Peninsula to the Philippines, Indonesia, Siam, China, Formosa, and Japan. Furthermore, all the great European protagonists have a say here, from the Portuguese, the forebearers of other European expansions, to the Spanish, who followed closely, and the Dutch, the most persistent rivals of Iberian power in the 16<sup>th</sup> century South China Sea context. Finally, the methods and approaches to which the different authors resort are varied, and constitute a clear demonstration of the huge hermeneutical possibilities of the theme.

The titles of the studies in this collection speak for themselves in that they convey a basic idea of the respective content.

## EUROPEAN ENCOUNTERS AND CLASHES IN THE SOUTH CHINA SEA I

- “The ‘*Santa Catarina* incident’ of 1603: Dutch freebooting, the Portuguese *Estado da Índia* and intra-Asian trade at the dawn of the 17<sup>th</sup> century”, by Peter Borschberg [University of Singapore], discusses the most celebrated incident of the Luso-Dutch conflict in the South China Sea as well as its consequences which contributed to the reformulation of important sections of international maritime law.
- “Macau, Manila e os holandeses”, by Rui Manuel Loureiro [Universidade Lusófona, Portugal], analyses the global impact of the Dutch on the Macao and Manila relations with China.
- “Os Jesuítas e a chegada dos Protestantes ao Japão”, by João Paulo Oliveira e Costa [Universidade Nova de Lisboa], seeks echoes of the consequences for the Portuguese of the arrival of the Dutch and English at the islands of Japan, in Jesuit sources, comparing them with materials from elsewhere.
- “Merchants as diplomats: embassies as an illustration of European-Asian relations”, by Jurrien van Goor [University of Utrecht, Holland], tries to clarify the diplomatic practice adopted by the Dutch in their contacts with Asian states, evaluating the extent of their success.
- “Compromissos e subserviência: Relações de Macau com a China (2.<sup>a</sup> metade do século XVII)”, by Anabela Monteiro [CEPESA, Portugal], revisits a particularly complex period in the life of Macao, during which the port-city of the Pearl River had to face multiple threats not only from China, which was undergoing a turbulent dynastic change, but also from the forces battling each other on the outskirts of the great empire.
- “Chineses, holandeses e castelhanos em Taiwan (1624-1684)”, by Manel Ollé i Rodríguez [Universidade Pompeu Fabra, Barcelona], deals with the Dutch and Spanish attempts to create a base in Formosa, as a way of organizing a regular relationship with China.
- “Pêro Vaz de Siqueira, mercador e armador nos mares do Sul da China”, by Leonor Seabra [University of Macao], analyses episodes of the Asian career of one of the most eminent members of the Macao mercantile class, namely his embassy to Siam.
- “Dutch trade and navigation in the South China Sea during the 17<sup>th</sup> century”, by Ernst van Veen

[University of Leiden, Holland], is a global analysis of the Dutch presence in the South China Sea, underlying the extraordinary slowness with which the Dutch ensured free access to the Chinese markets, despite the human and material resources at their disposal.

- “Country trade and Chinese alum: Raw material supply and demand in Asia’s textile production in the 17<sup>th</sup> and 18<sup>th</sup> centuries”, by George Bryan Souza [University of Texas, Austin, U.S.A.], investigates the functioning of Asian regional trading, focusing on the case of a specific item of merchandise.
- “Os Três Mosqueteiros marítimos vistos pelos Chineses”, by Jin Guo Ping [independent researcher] and Wu Zhiliang [Macao Foundation, Macao], constitutes a logical exception to this collection, as it is the only study which resorts to Chinese sources to draw the outline of the Chinese vision of the Portuguese, the Dutch, and the Spanish.

This issue of RCI will be followed by a second one which will extend the exploration of the *European encounters and clashes in the South China Sea*, presenting a broad anthology of European sources (Portuguese, Spanish, French, Dutch, and British) of the 17<sup>th</sup> century, in due context and carefully annotated. The choice of texts will be presented in English or Portuguese. Many of them have never been available in Portuguese before. This selection of sources will be followed by two original, unpublished studies: one analysing the successive stages of the European knowledge of the coastal regions of the South China Sea throughout the 16<sup>th</sup> and 17<sup>th</sup> centuries; the other providing a context for the Dutch attempts on Macao that took place during the first decades of the 17<sup>th</sup> century. **RC**

